

APONTAMENTOS SOBRE O ENSINO E TRAJETÓRIA FORMATIVA DOS DISCENTES DA LICENCIATURA DE HISTÓRIA NO PARFOR/UFAC (CRUZEIRO DO SUL/AC, 2016- 2020)

Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque¹

RESUMO

Aqui se apresenta o resultado da somatória de observações feitas entre o quadriênio de 2017 a 2020 com a docência das disciplinas de História do Brasil, somadas a cadeira de Pesquisa Histórica II, lecionadas no curso de Licenciatura em História, ministradas em módulos dentro do Plano Nacional de Formação da Educação Básica (PARFOR), ofertado no Campus Floresta da Universidade Federal do Acre (UFAC). Essa graduação iniciou em 2016 e se encerrou em 2020, recebendo educadores das redes públicas municipais e estaduais do Acre e sul do Amazonas. As aulas ocorreram em Cruzeiro do Sul por ser cidade de convergência, atendendo cinco municípios (três acrianos e dois amazonenses), envolvendo esforços dos entes federativos na formação de docentes para o ensino básico. Neste sentido, o presente texto é composto dos apontamentos feitos no decorrer dos módulos, com ênfase especial ao de *Pesquisa Histórica II*, quando foi criado instrumento de pesquisa pelos cursistas, que o aplicaram e analisaram, tomando como reflexão as suas trajetórias formativas como professores de História da rede pública no extremo ocidental da Amazônia. Logo, neste texto se propõe uma visão mais ampla sobre o ensino de História ao discorrer respeito dos trajetos que levaram a construção formal desses professores. Assim constituindo para além de uma memória sobre essas vivências, um contributo a continuidade da política educacional brasileira valorativa da formação docente, com ênfase a interiorização, dialogando sobre a relevância do PARFOR no Acre. Os referenciais empregados foram Bittencourt (2008); Delgado, Ferreira (2013); Moreira (2017), dentre outros.

Palavras-chave: PARFOR. Formação de professores. Ensino de História.

ABSTRACT

Here is presented the result of the sum of observations made between the triennium from 2017 to 2020 with the teaching of the subjects of History of Brazil, added to the chair of Historical Research II, taught in the Degree in History, taught in modules within the National Basic Education Training Program Plan (PARFOR), offered at Campus Floresta of the Federal University of Acre (UFAC). This graduation started in 2016 and ended in the current year, serving educators from the municipal and state public networks of Acre and Amazonas. The classes took place in Cruzeiro do Sul because it is a city of convergence, serving five cities (three of Acre and two of Amazonas), involving the efforts of federative entities in the training of teachers for basic education. In this sense, this text is composed of notes made during the modules, with special emphasis on Historical Research II, when a research instrument was created by the course participants, who applied and analyzed it, reflecting on their training trajectories as teachers of History of the public network in the western end of the Amazon. Therefore, this text proposes a broader view on the teaching of history when discussing the paths that led to the formal construction of these teachers. Thus constituting, in addition to a memory of these experiences, a contribution to the continuity of the Brazilian educational policy that values teacher education, with an emphasis on interiorization, dialoguing on the relevance of PARFOR in Acre. The references used were Bittencourt (2008); Delgado, Ferreira (2013); Moreira (2017) among others.

Keywords: PARFOR, teacher training, history teaching.

¹ Doutorado em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, Brasil(2015), Professora Adjunta da Universidade Federal do Acre , Brasil

INTRODUÇÃO

O Plano Nacional de Formação da Educação Básica (PARFOR) iniciou suas atividades a partir de 2009, como parte integrante do Piso Nacional do Magistério criado em 2008², em conformidade com o previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³ e Constituição da República Federativa do Brasil. Neste sentido, o intuito do PARFOR é fornecer nível superior aos professores que lecionem no ensino básico e não possuam graduação, ou a tenham em área distinta de atuação (na chamada segunda licenciatura), por isso ocorrendo também a formação pedagógica em caráter complementar aos bacharéis que estejam trabalhando como docentes.

Os recursos financeiros do PARFOR advêm da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), estando a maior parte das informações -inclusive inscrições para participação dos cursistas - disponibilizadas na Plataforma Freire⁴. Sua existência decorre de atuação entre União (que oferece o corpo docente e em boa parte das vezes e a estrutura física) em conjunto com Estados, Municípios e Distrito Federal, pois o público deve ser composto exclusivamente de profissionais da educação destes entes federativos.

Os números do PARFOR, em conformidade com os dados fornecidos pela CAPES, indicam que em uma década mais de 59% dos municípios brasileiros foram atendidos com membros de seus quadros matriculados nas licenciaturas ofertadas, 510 localidades funcionaram como polos educacionais, tendo sido compostas 3.043 turmas (dentre as quais 2.598 já encerraram suas atividades). No interstício de 2009 a 2019 o quantitativo de matrículas alcançou 100.408 pessoas, resultando em 53.512 licenciados e 59.565 em formação.

Mais significativos se tornam tais dados, ao pensar no compromisso do PARFOR de que os professores-alunos tenham sua formação em concomitância com suas atividades em sala de aula, ou seja, a graduação não deve implicar no ausentar-se da labuta docente. Por isso, a graduação dos cursistas foi estruturada em quatro anos letivos, com as disciplinas ofertadas em caráter modular, em formato presencial e gratuito. Porém, no decurso do ano de 2020 ocorreram transformações nessa configuração, isto porque até 2019 a participação como proponentes de cursos era de acesso restrito as Instituições Públicas de Ensino Superior, passando a ser permitido que Instituições Privadas de Ensino Superior tomassem parte no edital lançado pela CAPES.

Dentro deste contexto, o primeiro decênio do PARFOR contou com a participação de 104 instituições públicas de ensino superior, dentre elas a Universidade Federal do Acre. E não obstante que no estado mais extremo da Amazônia brasileira encontremos tanto Instituto Federal do Acre⁵, quanto Universidade Federal do Acre, somente a última participou do Plano Nacional

2 A Lei do Piso, como também é chamada a Lei nº 11.738/2008. A partir de estudos promovidos pelo Conselho Nacional de Educação e Câmara de Educação Básica se preconizou que para a valorização do profissional em educação não bastava apenas a instauração de um piso salarial, mas, necessitava-se de ações concomitantes e valorativas entre carreira, jornada e piso. Neste sentido, a formação dos profissionais da educação básica encontra respaldo na referida legislação. Disponível no endereço eletrônico: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm

3 Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível no endereço eletrônico: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

4 Observa-se que as informações encontram-se vinculadas a Plataforma Freire, cujo acesso é feito pelo endereço eletrônico <https://freire.capes.gov.br/index/principal>. Contudo, ao clicarmos no referido link, somos informados, *in verbis*: “404 – a página solicitada não foi encontrada!”, para então sermos encaminhados a voltar a página denominada “plataforma capes de educação básica”. Peculiaridade do tempo presente: supressão de FREIRE, mas, o nome do pedagogo existe nos textos da página oficial.

5 O Instituto Federal do Acre foi criado há uma década, tendo 06 *campi* que atendem o Vale do Juruá e do Acre, com ensino médio em caráter técnico (integrado e subsequente), superior e especialização. Sendo 02 unidades presenciais situadas em Rio Branco (embora a reitoria esteja localizada fora destes espaços), 01 em Cruzeiro do Sul, 01 em Tarauacá, 01 em Sena Madureira e 01 em Xapuri, mas, segundo o portal da instituição atendem com unidades remotas nos 22 municípios do Acre. Disponível em: <https://portal.ifac.edu.br/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

de Formação de Professores da Educação Básica, seguindo sua trajetória de formação de professores pelo interior acreano (nos cursos em modalidade de “interiorização” com a construção de licenciaturas que ocorriam para formação específica de algumas turmas, quanto com a criação e funcionamento de *campi* e núcleos em diferentes municípios).

Visando corroborar a manutenção de tão longeva tradição, refletindo sobre a importância desta e do PARFOR se constituiu o presente artigo, que se propõe a relatar a experiência do plano para formação de professores em História. A seguir apresenta-se uma rápida contextualização, o instrumento de pesquisa, em que circunstâncias foi feita aplicação, quais os resultados obtidos e colaborações para levar a formação de professores ao interior do extremo da Amazônia Ocidental.

ENSINO SUPERIOR E “INTERIORIZAÇÃO” NO ACRE

A compreensão do significado da chamada “interiorização” do ensino superior no Acre e o PARFOR vincula-se a necessidade de recordarmos das condições geográficas e sociais da região. Neste sentido é importante ressaltar que o Acre é o estado mais ocidental da Amazônia brasileira, com vegetação composta por florestas densas e abertas, clima (equatorial) quente e úmido, cujas estações são basicamente composta por período chuvoso atingindo altos índices pluviométricos e outra mais seca (entre maio a outubro), apresentando temperaturas médias entre 24° C a 40° C, ocorrendo anualmente dias com marcação mais amena entre 10° C a 20° C com as “friagens”. O relevo é composto em sua maior parte por áreas na Depressão da Amazônia Ocidental, cujas principais bacias hidrográficas são a do Acre-Purus e do Juruá.⁶ Quer em função de tais caracteres geográficos, ou pelos ditames políticos, o Acre é marcado como um local em que o Estado é o principal empregador e educador.⁷

Corroborando a estes traços, conveniente é recordar que o Acre é composto por 22 municípios, com grande parte da população reunida nos dois maiores onde estão situados os *campi* em funcionamento da UFAC (Rio Branco e Cruzeiro do Sul). A capital acriana, situada no Vale do Acre, conta com 407.319 habitantes. Enquanto no Vale do Juruá está Cruzeiro do Sul cujas estimativas em 2018 apontavam 88.376 pessoas, tendo sido calculado em 2019 que a população do Acre totalizava 881.935 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Ao passo que o referido instituto aponta no Brasil o Acre como o 21º Índice de Desenvolvimento Humano dentre os estados e distrito federal.

O mesmo IBGE pesquisando sobre a educação no Acre durante o ano de 2018 contou mais de 157 mil matrículas em 1.373 escolas atendidas por 6.992 professores no ensino fundamental, enquanto no ensino médio foram 38.141 alunos matriculados para 2.337 docentes em 227 escolas⁸. Igualmente se observa na pesquisa os estabelecimentos de ensino públicos perfazem o maior montante no computo geral, situadas em Rio Branco a maioria das escolas privadas.

A pesquisa em comento não expôs detalhamentos sobre turmas multisseriadas, ou seja, aquelas nas quais o professor trabalha com alunos de diferentes séries do ensino fundamental. Contudo, pelos relatos dos cursistas da licenciatura de História do PARFOR observamos que quanto mais se adentra nos perímetros não urbanos, aumentam os depoimentos da existência

6 Informações disponíveis no endereço eletrônico: <http://imc.ac.gov.br/wp-content/uploads/2016/09/IGEE-AC2010.pdf>

7 Informações disponíveis no endereço eletrônico: <http://acre.gov.br/wp-content/uploads/2019/02/acre-em-numeros-2017.pdf>, pp. 38,39.

8 Dados obtidos no endereço eletrônico do IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/panorama>. Acesso em: 10 jan. 2020.

dessas configurações. Constatação que nos faz crer ser necessária a melhoria na formação e quantitativo de professores para atender a população acreana.

Para entender tal demanda, há de se recordar que o ensino superior foi estruturado a partir de 1962 com a Faculdade de Direito⁹. Em 1970 constituiu-se o Centro Universitário acrescido dos cursos de Estudos Sociais (que congregava os embriões das licenciaturas de História e Geografia), Letras, Matemática e Pedagogia, resultando em crescimento de ingressos e cidades de abrangência, que resultam atualmente em graduação e pós-graduação, atendendo mais de 10 mil pessoas por ano. Nos quadros funcionais, segundo dados disponibilizado no portal da UFAC¹⁰ são registrados 1.575 servidores (entre permanentes e substitutos), sendo 754 professores efetivos.

O segundo município de instalação permanente da UFAC foi Cruzeiro do Sul com o funcionamento dos cursos de Letras e Pedagogia, contudo o campus Floresta – localizado no ramal Canela Fina – só teve sua edificação concluída no decorrer da década de 2000. Concomitantemente a isto, a UFAC desenvolveu atividades nos municípios acreanos mais antigos – Sena Madureira, Xapuri, Brasília e Tarauacá – mediante emprego de prédios escolares das redes pública, no que se convencionou chamar de “núcleos”. E em meados da década de 2010 foi criado o campus Brasília, cujo funcionamento ainda não é pleno por falta de recursos humanos e financeiros (decorrente da atual política de contingenciamento de gastos públicos).

Hoje em dia o Acre tem 22 municípios e 03 campi da IFES, que oferecem 1830¹¹ vagas anuais para 38 graduações¹², com ingressos anuais via Sistema de Seleção Unificada (SISU). Entretanto tais vagas são de 28 cursos no Campus Rio Branco e 10 no Campus Floresta, os demais municípios em que existem graduações funcionando hoje são atendidos pela interiorização feita com o PARFOR ou em regime de Educação a Distância.

DA SELEÇÃO, ENTRADA E SEUS SIGNIFICADOS PARA OS CURSISTAS

A seletiva para ingressar nos cursos ofertados pelo PARFOR advém do informe oficial das secretarias de educação (estaduais, municipais e distrital), bem como dos Institutos Federais ao Ministério da Educação e Cultura por meio de cadastramento de dados na Plataforma Freire¹³, quantificando a demanda por graduação de seus quadros. Ante tal procedimento, as Instituições de Ensino Superior (IES) respondem com a possibilidade de ofertas de cursos e vagas de licenciatura para cada localidade. A inserção de dados dos educadores na Plataforma Freire, assim como o posicionamento das IES são etapas constitutivas do processo seletivo, que só se encerra com a matrícula dos cursistas.

De onde se depreende que o PARFOR tem como pré-requisitos cadastramento na Plataforma Freire, manifestação de interesse do futuro cursista, a comprovação do exercício da docência em rede pública e a demanda de licenciamento (com destaque para o caso da segunda

9 José Murilo de Carvalho, assim como outros pensadores, alega que a nossa formação intelectual tem uma influência da cultura bacharelesca advinda da tradição portuguesa. Para maiores leituras a este respeito ver: CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem/Teatro de Sombras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1996. v. 1.

10 Informações disponibilizadas no sítio da Universidade Federal do Acre. Disponível em: <http://www.ufac.br/site/ufac/prograd/cursos>. Acesso em: 10 out. 2020.

11 Porém o montante de alunos de graduação e pós-graduação é superior a 10 mil pessoas.

12 A IFES conta também com programas de pós graduação que englobam de especializações ao doutorado, sendo indicado em outubro de 2020 na página da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação um total de 18. Dados disponíveis em: <http://www.ufac.br/site/ufac/propeg>. Acesso em: 10 out. 2020.

13 Cadastramento disponível em: <https://freire2.capes.gov.br/portal/>. Acesso em: 10 out 2020.

licenciatura exigir que o educador esteja há um triênio em área distinta de sua graduação), bem como a autorização de participação do professor-aluno emitida pelas secretarias de educação.

Concernente ao último decênio, sob a égide do PARFOR foram formando professores de Pedagogia, Biologia, Letras e História. Contudo, o quase meio século de federalização do ensino superior no Acre ainda não conseguiu suprir as demandas de formação de educadores, sobretudo em áreas rurais. No estado em comento um marco significativo é de que nas localidades interioranas, de difícil acesso, em espaços de rurais, comumente encontramos professores sem graduação e com contratos provisórios. De tal modo sendo, o PARFOR uma alternativa para que esses se licenciem e participem de concursos para efetivação na carreira docente.

Fazendo o recorte para a área de História da UFAC destacam-se antes do PARFOR a realização de programas de interiorização na década de 1990 no município de Xapuri, na década de 2000 em Cruzeiro do Sul, Brasileia e Tarauacá, ao passo que de 2015 a 2019 foi realizada a licenciatura em Sena Madureira. Igualmente relevante é mencionar que os cursos de graduação dados na interiorização seguem as grades curriculares, programas de disciplinas e créditos vigentes na sede, inclusive quanto a carga de atividades de extensão e estágios.

E apesar de alguns suporem que os adventos da tecnologia e da Educação a Distância (EAD) colaborem a estas questões, isto não invalida a interiorização do ensino superior público. Primeiro porque ao pensarmos em EAD não podemos nos esquecer dos problemas do uso de internet como difusor de educação (indo desde a carência de equipamentos, cobertura inapropriadas de operadoras, falta de assistência técnica, bem como de recursos financeiros para custeio de tais despesas). Depois, temos também a paradoxal situação de que a capacitação dos educadores em áreas mais longínquas nem sempre funciona como instrumento garantidor da fixação e permanência do profissional.

Fortalecem a primazia da interiorização feita por instituições públicas as adversidades da formação na Amazônia ocidental vincularem-se não apenas as distâncias físicas ou tecnológicas, mas, também as dificuldades socioeconômicas. Neste sentido há de serem consideradas as maiores assistências dentro da educação pública regular, ou dos cursos modulares articulados em parceria com os entes federados, que no primeiro caso possibilitam acesso a bolsas de assistência estudantil e no segundo permitem a alimentação menos onerosa, além de viabilizam transporte dos professores de zona rural e de outros municípios (como no caso dos cursistas do PARFOR durante a estadia na UFAC).

DA METODOLOGIA E INSTRUMENTO DE PESQUISA

Face a tais circunstâncias, no decorrer de duas disciplinas de História do Brasil foram promovidos junto aos discentes debates sobre a condição de acesso e permanência na IFES, o que suscitou um rico relato oral de experiências e vivências. Inspirado nestes diálogos, durante a disciplina de *Pesquisa Histórica II* ocorreu a elaboração, aplicação e análise de um instrumento de pesquisa, bem como a redação dos resultados em formato de artigo conforme preconiza Barros (2010).

A fim de dialogar sobre as vivências destes professores-alunos a disciplina de *Pesquisa Histórica II* foi organizada em 10 horas aulas diárias (seguindo os moldes do PARFOR na UFAC), realizada durante a terceira semana de janeiro de 2020 e se estruturou em cinco fases, assentadas em metodologia interdisciplinar, quantitativa, qualitativa e descritiva. A opção pelos dois carac-

teres metodológicos iniciais deu-se em função do delineamento de perfil dos cursistas, enquanto qualitativa e descritiva pela construção de artigos.

Assim, tivemos o primeiro dia de aula destinado a organização dos grupos de trabalho e a concepção da pesquisa, em formato de questionário semifechado, com perguntas e respostas inseridas na plataforma *Formulários Google* de modo a facilitar o acesso coletivo para preenchimento e análise de dados. A escolha deste modelo decorreu tanto da possibilidade de acesso futuro a fim de comprovação da realização da pesquisa, acrescido do estímulo ao uso da tecnologia dentro dos espaços da academia mediante o emprego de instrumento de contato fácil a todos (inclusive pela utilização de internet e computadores dentro do *campus* Floresta, situação nem sempre viável aos cursistas em outros locais).

A estruturação do instrumento de pesquisa foi ordenada em texto simples de vinte e nove indagações que alternavam respostas abertas e objetivas, a fim de traçar delineamento etário, profissional, de renda e gênero. Também foram feitas perguntas se o cursista aconselharia alguém a ingressar no PARFOR, sobre os conteúdos e formato das aulas modulares, principais dificuldades enfrentadas e situações mais gratificantes no trajeto formativo.

A segunda fase tomou toda a segunda manhã de aula para sua concretização, que era destinada ao preenchimento dos questionários, feito tanto em sala de aula (com *notebooks* e celulares dos cursistas e da docente responsável pela disciplina em comento), quanto via computadores da biblioteca do *campus* Floresta.

Ao passo que a terceira parte demandou o restante do segundo dia de trabalho, no qual foi realizada análise dos dados coletados no instrumento de pesquisa, corroborando a escolha de temas para construção dos artigos pelos grupos de trabalho dos graduandos. Nesta fase da disciplina os “professores-alunos” constataram que o estudo dos dados abria a possibilidade de investigarem eixos temáticos e assim foram ordenadas as elaborações dos artigos. Contudo, as equipes sentiram necessidade de refinar os dados coletados e adotaram também a metodologia de história oral (SELAU, 2004) para preenchimento de lacunas em seus temas de trabalho (ALBERTI, 2012).

Na quarta etapa foram utilizados três dias de aula, ou seja, trinta hora-aulas, por conta da redação, revisão do material produzido e elaboração de versão final dos artigos. Esses escritos abordaram os obstáculos enfrentados pelos alunos e alunas do PARFOR licenciatura em História, com ênfase aos aspectos culturais, socioeconômicos, bem como o exercício docente em áreas diferentes da graduação que estavam cursando. Outro traço significativo foi a representação dos cursistas que trabalhavam na educação no início do curso, mas, no módulo final estavam longe da sala de aula demonstrando uma contradição a proposta do PARFOR. Os referidos textos dos artigos foram publicados no volume três, número um, da revista discente *Das Amazônia*¹⁴, dos alunos dos cursos de História da UFAC, lançado em maio de 2020.

Em momento final, no último dia de aulas, os artigos foram apresentados em sala, contando também com a presença da coordenação local do PARFOR *campus* Floresta, que destacou a recorrência do termo “dificuldades” na maior parte dos títulos de trabalho. No entanto, a

14 A revista *Das Amazônia* foi criada em 2018, tendo produção e coordenação dos discentes das licenciaturas e bacharelado em História, do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre. Tem periodicidade semestral, mas recebe em fluxo contínuo artigos/resenhas e é multitemática. O objetivo da revista é estimular e divulgar a produção dos alunos de História da UFAC. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas>. Acesso em: 20 jun. 2020.

coordenadora constatou se tratar de relatos ricos de experiências exitosas, pois não obstante as adversidades a turma em sua maioria concluiu a licenciatura em História.

DOS RESULTADOS OBTIDOS

Ao analisar as vinte e nove questões do instrumento de pesquisa denotam-se alguns marcadores relativos à naturalidade, faixa etária, renda e formação cultural. Contudo, merece destaque o fato de somente uma vez apareceu explicitamente a ideia de adversidade, ocasião na qual os graduandos foram indagados quanto ao que seria o “principal problema enfrentado no decorrer do curso”.

Concernente ao gênero, o instrumento elaborado pelos cursistas não apresentava indagações a esse respeito, porém na indicação dos dados pessoais vislumbrava-se a indicação de perfil heteronormativo.

Referente ao quesito local de nascimento, se comparado com faixa etária e renda, verificamos robusta demarcação da diversidade social e geográfica, sobrepondo a ideia de pertencimento ao espaço urbano. Isto porque o maior quantitativo afirmou ser do município de Cruzeiro do Sul (com destaque a dupla que especificou ter nascido na comunidade rural do Rio Liberdade, outros dois atribuíram origem aos seringais Extrema e Grajaú), tivemos um licenciando natural de Rodrigues Alves e três cursistas declararam terem nascido em áreas indígenas (Aldeia Katukina, Aldeia Sete Estrelas, Terra Indígena Rio Gregório), somente um declarou ser de Ipixuna no Amazonas.

Com a análise do item de naturalidade, constata-se também o papel de município polo educacional desempenhado pelo *campus* Floresta da UFAC, porquanto funcione como espaços de agregação de habitantes de espaços urbanos e rurais entre Cruzeiro do Sul, Mâncio Lima, Rodrigues Alves no Acre e do município de Ipixuna no Amazonas. Aliás, o papel de cidade como polo difusor de serviços também é expresso na rede de atendimento de saúde, conforme manifestado pelos cursistas em suas entrevistas.

No perfil socioeconômico identificamos que a faixa etária era de 23 a 51 anos de idade entre os cursistas. Contudo curiosamente, 55% disse ter mais de 30 anos, demonstrando que em torno de 45% eram mais jovens com até 23 anos. No permitindo associar o padrão de idade ao estabelecimento de unidades familiares e responsabilidades decorrentes de tais encargos. Pois, concernente ao estado civil 34,5% estavam em união estável, ao passo que 24,1% eram legalmente casados e 3,4% divorciados, tendo o restante se declarado solteiro(a).

A indagação sobre a condição socioafetiva a nosso ver se justificava com as perspectivas de permanência durante os módulos do curso, porquanto as aulas transcorressem em caráter integral, com jornadas de 10 horas diárias, durante o primeiro trimestre do ano e no mês de agosto, implicando na ausência de possibilidade do exercício da jornada de trabalho dos cursistas e impactando em suas formas de sobrevivência.

Maior relevância adquire a informação a respeito do estado civil ao consideramos que 65,7% declararam serem os responsáveis pela maior fonte de renda de seus lares e os primeiros de suas residências a cursarem nível superior. De tal modo, configurando o paradoxo da relação entre nível educacional e a melhoria no sustento de suas famílias, uma vez que o ato de estudar em boa parte dos cursistas implicava na ausência temporária em âmbito de atuação profissional, bem como no prévio planejamento para custeio da temporada:

Por consequência, compreendemos o significado maior destes esforços ao observarmos que apenas 6,5% dos cursistas ao serem indagados sobre o regime de trabalho, disseram fazer parte do quadro permanente, já que eram contratações estatutárias. Entre os outros 93,3% de alunos e alunas tínhamos o contingente de “provisórios” e os aqueles que não estavam mais atuando na educação. De tal modo, preenchendo de outros significados o “fazer faculdade” para além da educação formal.

Ir a universidade, ainda que em curso modular, tendo períodos de encontros com variação de 01 a 03 meses acarretava impactos financeiros, emocionais e de sustento tanto imediatos quanto a longo prazo. Em caráter longo prazo diplomar-se, em aspecto pressuroso não era apenas o se ausentar da sala de aula, para concretizava-se no afastamento do lar e da rede familiar, repercutindo na renda doméstica com o não recebimento de proventos e a necessidade de sustentar um segundo endereço, posto o deslocamento a cidade de Cruzeiro do Sul.

E dentro deste contexto de sonho do primeiro diploma, encontramos quatro cursistas de segunda graduação, correspondendo a 11,4% do público geral da turma. O que nos leva a recordar ser esse um dos focos de atenção do PARFOR, visando promover formação dos professores as suas áreas de atuação. Dado que nos motivava a pergunta complementar sobre os cursos de graduação já conclusos. Em resposta ao questionamento, 01 aluna afirmou ser graduada em Letras Português em instituição privada de EAD, enquanto 03 disseram ter cursado Pedagogia (sendo 01 em instituição particular e 02 em universidades públicas).¹⁵

Concernente ao perfil profissional foi massiva a constatação de que o PARFOR atendia cursistas que atuavam como professores em zona rural, sendo 69,7% vinculados a rede estadual e 15,2% rede municipal. Somente cinco graduandos responderam que atuava em zona urbana, perfazendo um total de 15,1%, todavia, no espaço citadino havia o maior contratante era a municipalidade.

Em contraponto aos dados profissionais, nenhum dos cursistas declarou receber qualquer modalidade de bolsa, ao passo que todos afirmaram categoricamente terem apenas o direito ao consumo de alimentação a preços estudantis (a semelhança de todos os demais graduandos da UFAC) no refeitório universitário. É importante referenciar tal informação vez que muitos dos estudantes do PARFOR empreendiam deslocamento a municípios circunvizinhos a Cruzeiro do Sul para a jornada de estudos diários, o que representava “madrugar” no ônibus e regressar para casa noite adentro, compreendendo assim que café, almoço e jantar transcorriam na universidade. O apoio das municipalidades “parceiras” ao PARFOR era visualizado na oferta de transporte desses professores-alunos, em ônibus escolares dirigidos e abastecidos às expensas destes entes.

Todavia, fosse em área urbana ou rural, a serviço de executivos estaduais ou municipais, a pesquisa demonstrou dentre os cursistas que se mantinham nas escolas, eles atuavam majoritariamente no ensino fundamental (sendo 53,3% nos anos iniciais e 23,3% nos finais). Rompendo com a perspectiva inicial de público a ser atendido pelo PARFOR identificamos o registro de um cursista como gestor escolar e outro como integrante da Educação de Jovens e Adultos.

¹⁵ Questão que reforça a constatação de que o atendimento em instituição de ensino superior público não se restringiu apenas a Universidade Federal do Acre, transpondo o limite geográfico e territorial do Acre tivemos declaração de uma graduação na Universidade Estadual do Amazonas - UEA.

Indagado se os cursistas indicariam o PARFOR para realização de graduações 100% afirmaram que sim. E 93,3% dos alunos se declararam satisfeito com o formato modular com carga-horária integral. Todavia, 14,3% indicou dificuldades de assimilar grande quantidade de conteúdo em curto espaço de tempo. No rol de problemas enfrentados pelos cursistas foram enumerados: o transporte, alimentação, a conciliação entre faculdade e trabalho, assim como o cansaço pela longa jornada de estudos.

PARA ENCERRAR E NÃO CONCLUIR

O presente artigo não tem a presunção de ser um documento concludente do diálogo sobre a formação dos professores de História no extremo ocidental da Amazônia. Tampouco se destinou enveredar pelo aporte conteudista. A proposta que aqui se encerra, buscou provocar reflexões a respeito dos múltiplos sentidos nas trajetórias formativas dos professores de história, tomando como recorte os cursistas inseridos no Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica realizado no Campus Floresta da UFAC entre os anos de 2016 a 2020.

Nesse sentido, tendo por base a análise dos dados coletados a partir do instrumento de investigação criado e aplicado no decorrer da disciplina Pesquisa Histórica II, se traçou um perfil socioeconômico dos alunos, relatando que a maioria dos cursistas não tinha vínculo permanente de contratação nas redes estaduais e municipais de ensino, atuava massivamente em espaços não urbanos em escolas de fundamental I, representava tanto a maior parte da renda familiar quanto o primeiro ingressante no ensino superior.

Os principais desafios vivenciados eram as dificuldades decorrente de transporte, alimentação, ajustes entre a profissão e a realização da graduação em formato modular, somado ao cansaço decorrente da jornada integral de estudos. Porém, no balanço geral feito pelos cursistas o PARFOR foi oportunidade de atender as demandas¹⁶ pela obtenção do nível superior, não obstante as eventuais desarmonias com as relações familiares e de trabalho.

Tendo em vista que quinze laudas não abarcam toda a trajetória de ensino e ensinamentos dos professores de História formados pelo PARFOR no Acre, o anseio deste texto foi constituir uma breve memória sobre esses sujeitos sociais, utilizando para tanto a pesquisa elaborada e aplicada por estes. Fazendo isto, se buscou despertar interesse a respeito de quem são e como estão sendo preparados. Além de balizar a necessidade impreterível de manutenção da formação dos professores da rede pública básica de ensino, sobretudo nos rincões mais interioranos e longínquos, asseverando a função social da educação conforme preceitua a Constituição Federal do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **Revista História Oral** (Rio de Janeiro), v. 15, p. 159-166, 2012. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=263&path%5B%5D=295>>. Acesso em 10 jan. 2020.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

16 A respeito das demandas pessoais e significados do PARFOR para os cursistas ler: SOUZA, Levino Pequeno de et al. Perfil dos cursistas de Licenciatura em História pelo Parfor, Ufac, Campus de Cruzeiro do Sul (2016-2020): dificuldades dos profissionais em educação que não estão em sala de aula. **Das Amazônias**, Rio Branco–Acre, v.3, n.1, (jan-jul) 2020, p. 49-55. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/issue/view/176>. Acesso em: 10 set 2020.

- CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem/Teatro de Sombras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 1996. v. 1. 435p.
- CONCEIÇÃO, Joiciane Silva et al. Diálogos com cursistas da Licenciatura de História do Parfor Campus Floresta Ufac que atuaram na educação e estão fora da sala de aula. **Das Amazônias**, Rio Branco –Acre, v.3, n.1, (jan-jul) 2020, p. 41-48. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/issue/view/176>. Acesso em: 10 set 2020.
- MEDEIROS, E. A.; AGUIAR, A. L. O. Percursos de Formação: Experiências e Trajetórias (Re) Significadas nas Histórias de Vida de Professoras no PARFOR. **Educação & Linguagem**, v. 18, p. 121-146, 2015.
- SELAU, M. S. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **ESBOÇOS: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, Florianópolis, v. 11, p. 217-228, 2004.
- SOUZA, Levino Pequeno de et al. Perfil dos cursistas de Licenciatura em História pelo Parfor, Ufac, Campus de Cruzeiro do Sul (2016-2020): dificuldades dos profissionais em educação que não estão em sala de aula. **Das Amazônias**, Rio Branco –Acre, v.3, n.1, (jan-jul) 2020, p. 49-55. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/issue/view/176>. Acesso em: 10 set 2020.
- SOUZA, Ciele Noruega de et al. Cursistas do Parfor em Licenciatura de História na Universidade Federal do Acre no Campus Floresta (Cruzeiro do Sul- Acre): dificuldades de gêneros dentro da formação do professor de história no período de 2016 a 2020. **Das Amazônias**, Rio Branco –Acre, v.3, n.1, (jan-jul) 2020, p.88-96. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/issue/view/176>. Acesso em: 10 set 2020.

Submissão: 13/11/2020
Aprovação: 01/02/2021